

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

X SEMANA MAL EMPREGADA!

O futebol apaixonou as massas populares. No domingo, vive-se o futebol. Na segunda, discutem-se os resultados. Na terça, apreciam-se os jogadores. Na quarta e na quinta-feira, disputa-se sobre os clubes. Na sexta e no sábado, arrelham-se uns aos outros com as previsões dos encontros do domingo. E assim se passam as semanas, umas após outras, até que o calor e a sede venham ocupar o primeiro lugar nas preocupações de cada dia.

Mas como nem só de futebol vive o homem... entremeia-se a discussão desportiva com minuciosas apreciações sobre as «estrelas» e os «sois» do cinema.

Dir-se-ia que o povo trabalhador não sente nem vibra com mais nada senão com estes problemas, que nada de novo podem trazer em benefício da humanidade, embora tenham o seu lugar como distração.

A ciência que nos abre as portas do progresso; a arte que nos eleva acima da materialidade de cada dia; o belo e o bem que nos espiritualizam são relegados para a segunda ou décima plana das preocupações populares!

Sim! Ele há um outro problema que é assunto frequente de discussões e de azedumes; o pão de cada dia, o lar onde se mora, o casamento ou os filhos.

Mas este problema, que todos queriam ver resolvido em seu favor, que espaço ocupa na vida de cada um?

O tempo exacto de um desabaço de mau humor, de uma imprecação ou de uma maldição.

O problema existe. Ele é mesmo, segundo todos afirmam, o maior dos problemas. Contudo o que faz o povo por ele? Com que interesse o estuda? Como se prepara para o conhecer melhor, para colaborar na sua solução? Ou porventura imagina que pode continuar a dispensar as suas energias mentais e morais, nas intermináveis conversas sobre futebol, impunemente?

Se o problema social interessa ao povo trabalhador, pensa ele vê-lo resolvido, sem se decidir a tomar uma parte activa na construção dum mundo melhor?

Resolver o problema social a murro, de punho cerrado, pode ser uma solução... desportiva! Não é certamente uma solução razoável.

Os trabalhadores têm de conhecer os dados da questão, estudar apaixonadamente as soluções possíveis, elevar a sua cultura média e geral para se colocar à altura da grandeza do problema. Por isso nos parece que seria melhor distribuir a semana doutra maneira.

Discutam à vontade futebol à segunda e ao sábado. Mas, por amor de Deus, deixem a terça, a quarta, a quinta e a sexta, para ler, para estudar, para se valorizarem, para se tornarem melhores profissionais, elementos mais úteis à Nação e à classe operária!

Se assim se não fizer, muito mal irá para todos. Ou pensam os trabalhadores que a berrar muito alto, a dizer mal dos patrões e do Governo, se produz mais, se obtém melhor distribuição da riqueza, se prepara uma melhor sociedade em que todos anseiam viver em paz num lar feliz?

Vai sendo tempo de os trabalhadores se compenetrarem de que o vício do futebol começa a ser o verdadeiro ópio do povo.

ABEL VARZIM

ESTE JORNAL FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA BOA NOVA, LDA. R. MORAIS SOARES, 5-A a 5-D // LISBOA

O PRIMEIRO LUTO ASPECTOS SOCIAIS DA INDÚSTRIA NA AMÉRICA LEGISLAÇÃO SOCIAL

«O Trabalhador» sentiu profundamente a perda de um dos seus melhores amigos, na morte accidental de José Feliciano, accionista da S. E. T. e apaixonado propagandista do nosso jornal. Ele era amigo velho, bom camarada e leal companheiro. O seu funeral foi bem a prova de quanto era estimado por todos, chefes e camaradas de todos os ideais.

Sentimos profundamente a sua morte, sobretudo por ter vindo de maneira tão trágica, num acidente inesperado de trabalho.

A pena e a saudade que sentimos é, porém, recompensada, até certo ponto pelo que adiante se vai ler.

Com efeito, dez dias depois da sua morte, aparecia afixado nos estabelecimentos onde serviu (Sociedade Abel Pereira da Fonseca, ao Poço do Bispo), a seguinte ordem de serviço que dispensa comentários.

Ordem de serviço a todo o pessoal

«São decorridos dez dias do desastre brutal que nos privou para sempre da companhia de José Feliciano.

José Feliciano foi em vida um exemplo. Honestíssimo, zeloso, cumpridor dos seus deveres, amigo dos seus amigos sem distinção de categorias e bom como todo o cristão sabe ser, e ele que o era.

Foi 25 anos empregado neste armazém. Foi 13 anos meu companheiro de trabalho e nunca fui obrigado na qualidade de chefe a tomar uma atitude contra ele por acto menos correcto que tivesse praticado, fosse em que campo fosse.

Homenagem justíssima àquele que foi um homem simples. Que os seus exemplos e memória perdurem em todos nós. Deus tenha a sua alma em paz.

Viuva, filhos e irmã, por meu intermédio, pedem para expressar o reconhecimento e agradecimento a todos os que trabalham nesta casa pela assistência moral e material que lhe dispensaram.

a) Manuel Gonçalves

«O Trabalhador» que conta entre os seus leitores, accionistas e amigos homens destes, apresenta à família em luto, a expressão sentida do seu muito pesar.

«O TRABALHADOR» E OS FERROVIÁRIOS

Sob o título de «Verdades Punquentes» publicou o órgão do Sindicato Nacional dos Ferroviários do Sul de Portugal, «O Trabalho Ferroviário», um artigo em que se pede o cumprimento da promessa de revisão das condições de trabalho e remuneração, estabelecidas por portaria de Dezembro de 1945.

Neste artigo, que começa fazendo referência a «O Trabalhador», podemos ler o seguinte período: «Pena é que não tenha havido quem publicamente se tenha lembrado dos ferroviários e, por isso, vamos deles falar».

«O Trabalhador» lembra-se dos ferroviários, pois não poderia esquecer uma das classes mais numerosas e simpáticas do país.

Daqui a algum tempo trataremos das questões de interesse para essa classe, com todo o desenvolvimento possível.

Por hoje limitamo-nos a transcrever uma parte do artigo a que estamos aludindo.

«Em face do reajustamento de Dezembro de 1945, alguns agentes dos Caminhos de Ferro ficaram nas condições a que alude «O Trabalhador», enquanto os outros, os que não fazem horas extraordinárias nem têm outros emolumentos, se debatem com uma situação económica crítica.

«Tinham sido reconhecidas as deficiências notadas nas escalas do reajustamento de 1945 e que afectavam principalmente o pessoal da Via.

«Foram nomeadas Comissões Arbitrárias para limar as arestas mais salientes e tinha-se prometido na portaria que regulou o referido reajustamento, que a quando da fusão das Empresas Ferroviárias, mais se faria no sentido de acertar, visto que a

Toda a correspondência deve ser dirigida à nova sede dos nossos escritórios: RUA DE GOMES FREIRE, 30, 2.º LISBOA

As reivindicações operárias nos Estados Unidos têm-se dirigido num sentido não político, e têm tido por objecto, quase exclusivamente, questões de salários, depois que se conquistou, há muito, um regime satisfatório de horas de trabalho.

A legislação social na América está atrasada, em relação à maior parte dos Estados europeus.

Se, porém, considerarmos as condições que tornam necessária essa legislação, vê-se que o grande país se adianta, pois que ainda lá não existe o

mal-estar social em que se debateu a Europa, durante muitas décadas. antes de se esboçarem os primeiros sistemas de previdência social.

Habitado a contar unicamente consigo, o operário americano realiza a sua própria previdência, quer juntando reservas, quer fazendo seguros particulares contra a doença e acidentes pessoais, e seguros de vida a favor dos seus sobreviventes.

Aumenta, porém, o número daqueles que vivem o dia a dia gastando todo o salário por mais elevado que seja, e começam por isso a verificar-se frequentes casos de miséria e a dar-se os primeiros passos para uma organização de previdência e segurança social.

Há cerca de dois anos, criou-se a primeira taxa obrigatória sobre os salários, para constituir seguros de velhice e desemprego.

Não existe ainda salário familiar, nem seguro contra a doença.

Entretanto, muitas firmas importantes têm os seus hospitais particulares, e, de modo geral, as outras firmas contribuem para o hospital local onde os seus operários são assistidos.

Por sua vez, o Estado distribui importantes subsídios de doença.

NÓS APLAUDIMOS

Nos jornais de terça-feira, lemos a agradável notícia de que o Ministro da Economia nomeou uma comissão para «coordenar os elementos já obtidos e continuar os estudos precisos para que se fixem as bases de um programa de realizações, quanto às possibilidades de instalar, no nosso País, a metalurgia de ferro, a partir de minérios nacionais, de extraordinária importância para a nossa economia».

«O Trabalhador», desde os seus primeiros números, insistiu na imperiosa necessidade da metalurgia para o nosso País. A indústria metalúrgica é hoje, com efeito, a principal base da riqueza dum povo.

O nosso jornal dá, portanto, os seus maiores elogios à iniciativa agora tomada e espera que esta comissão realize obra rápida e perfeita.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

INQUÉRITO ÀS NOSSAS LEITORAIS

O LAR

Como anunciamos no número antecedente, vai «O Trabalhador» ouvir os grandes anseios das raparigas operárias e empregadas. Qual o seu futuro? Quais os sonhos da sua mocidade?

Um marido, um lar, os cabelitos loiros duma, de várias crianças, ou a fábrica, o escritório, a oficina? Qual deve ser o futuro da mulher portuguesa?

O Lar ou a Fábrica? Poderá ser também o Lar e a Fábrica?

Casadas e operárias ao mesmo tempo? Que pensais, raparigas trabalhadoras?

E que pensais vós, mulheres adultas, operárias experimentadas, mães de família? Qual é o ideal que sonhais para as vossas filhas?

O inquérito é para vós, também para vós que viveis mais das realidades do que dos sonhos. Respondei todas, abri a vossa alma! Colaborai neste grande inquérito.

Haverá prémios! Quem sabe ainda quantos!

Lede o próximo número. Faremos o inquérito em forma, fixaremos prazos, condições em que deveis responder. E tudo o mais que se verá!

Desde já vos dizemos, porém, que vos não assusteis. Podeis escrever, e assinar as respostas com um pseudónimo.

Vede o próximo número!



OU A FÁBRICA?



VIAJANTES COM DESTINO-COMUM

Temos falado aqui nesta secção, nos últimos números, acerca de espírito comunitário, e hoje queremos conversar sobre um ponto de que é fundamental os homens entendidos para nos possamos formar verdadeiras comunidades. Este ponto é o seguinte: os grupos humanos, as nossas comunidades, quer a família, quer as políticas (nação), quer as de vizinhança (bairro, prédio, etc.), quer as religiosas (Igreja, no sentido de conjunto dos fiéis), quer as de trabalho, são *comunidades de viajantes*. Deu-me a ideia de chamar a vossa atenção para isto, o facto de me dizerem que dentro de alguns dias viria a Portugal um escritor francês, Gabriel Marcel, homem que tem recebido muito nestes problemas. Ora Gabriel Marcel tem um livro escrito em francês, *Homo-Viajante* (o título é em latim e quer dizer: Homem-Viajante), o qual começa exactamente pela afirmação de que poderá talvez parecer estranho, mas só haverá uma ordem social estável, firme, quando o homem se convencer de que a sua vida nesta terra é uma viagem.

Não é decerto a primeira vez que se encontra tal comparação. O nascimento é o início da viagem, depois caminhamos pela estrada da vida, a cada curva da estrada encontramos companheiros. Durante tempo maior ou menor, estes acompanham-nos. De vez em quando há separações, e vamos andando sempre até um dia, o dia em que atravessaremos a porta da morte. Não é nova a comparação — os nossos avós conheciam-na bem: estou a lembrar-me de um verso popular que, se não erro, dizem: somos peregrinos, na estrada andamos. E não só Gabriel Marcel se referiu a esta nossa qualidade de viajantes. Um filósofo alemão diz aqui citado em tempos, também diz: o homem é um viajante, numa eterna viagem de estudo (?), dormindo constantemente sob tendas, provido apenas do necessário. Esta parte final da frase dá bem a ideia da incerteza da vida humana. As vezes pensamos que ficaremos para sempre numa terra, numa casa, numa profissão, e contudo, de um momento para o outro tudo tem de se abandonar e estabelecer a tenda noutra sítio.

Também o autor da «Epístola aos hebreus», que vem na Bíblia, dizia que éramos peregrinos e hóspedes sobre a terra, dirigindo-nos para uma cidade celeste que o próprio Deus construiu para nós.

Acontece porém, que nem todos os homens estão convencidos de que esta vida é uma viagem e de que as mais sólidas casas que possamos construir na terra não passam de tendas. Há diferenças entre eles e os que têm consciência de estar na terra como numa viagem. Estes últimos estão sempre prontos a partir. Olham para as coisas que lhes vêm às mãos — os seus haveres, a sua casa, as suas riquezas, e as têm — com a curiosidade e o amor que o viajante tem para com aquilo que encontra no caminho e o pode ajudar na viagem, não se lhes entregam, não deixam

que elas os dominem como acontece com o avaro. Os outros entregam-se interiormente às coisas como se fossem ficar eternamente com elas.

Os primeiros acreditam que «até morrer, podem ir aprendendo sempre», à medida que a viagem da vida prossegue os outros julgam saber tudo já. Os primeiros acolhem todos os homens como irmãos, viajantes também, que têm o mesmo destino, e a quem devem auxiliar a andar a parte do caminho que fizeram juntos; para os outros, preocupados apenas com possuir o mais possível, cada homem é um rival a quem é preciso derrotar ou com quem tem de se entrar em negociações.

Espírito de comunidade e espírito de viagem estão assim estreitamente unidos: é essa consciência de viajantes com um destino comum, de viajantes que têm de se auxiliar mutuamente a vencer as jornadas da vida, que une os homens em verdadeiras comunidades.

Por muito abafada que esteja, no fundo de cada homem há sempre uma chamasinha de onde pode irromper em grandes chamas o espírito de viajante e o de comunidade, e a chama só irrompe em cada homem, quando alguém se lhe dirige com verdadeiro espírito de viajante, com verdadeiro espírito fraterno.

C.

(*) A palavra alemã empregada por ele e que traduzimos aqui por viagem de estudo é *Wanderschaft*. Faziam a *Wanderschaft*, nos tempos antigos das corporações, os oficiais que iam passar a mestres — consistia em fazerem «uma viagem de estudos» pelas cidades onde melhor se praticava a sua arte. Depois disso, apresentavam então uma obra — a obra prima — para ser examinada, e se esta estivesse bem, ficavam mestres.

CARTA DE ESMORIZ

A classe dos Tanoeiros em face da sua indústria

A indústria de tanoaria tem-se desenvolvido extraordinariamente em Esmoriz durante os últimos 50 anos. De ano para ano multiplicam-se as oficinas, com serração anexa ou sem ela. A instalação constante de novas fábricas de serração, com os mais modernos maquinismos, conjugada com o avançar constante da máquina adentro das tanoarias, vai-se fazendo sentir na crescente crise de trabalho que se vem agravando sempre.

Por seu lado, o operário perante o Contrato de Trabalho, em confronto com os seus colegas de Gaia e Lisboa, está longe, apesar de certas regularidades que lhe têm proporcionado, está longe, repetimos, de se sentir satisfeito nas suas justas aspirações. Impõe-se por parte de todos, absolutamente de todos, a prática dos sabidos preceitos cristãos de humanitarismo, respeito e estima que uns aos outros nos devemos: padrões e operários irmãmente dando as mãos, procurem não só elevar-se, mas também elevar os outros, o que é próprio de almas nobres, de corações generosos.

Senhores industriais, a classe operária merece toda a estima, merece todos os sacrificios.

Para longe o egoísmo antipático que parece querer eternamente dominar todas as idades e condições. O ódio surdo que aqui e ali se sente latejar deve ceder o lugar ao belo e fecundo Amor fraterno.

João de Esmoriz

NOTICIÁRIO DA SEMANA

DO PAÍS

Desde o dia 1 do corrente mês que é livre a venda de azeite e óleo, continuando, porém, para os auto-abastecidos a ser exigida a guia de trânsito.

Assumiu o cargo de comandante da Força Naval da Metrópole o sr. Capitão de Mar e Guerra Vasco Lopes Alves.

Foi destruído por um incêndio um rebocador de grande tonelagem — o «Sotrage» da Sociedade Agências de Transporte, que navegava de Luanda para Mossâmedes.

Parece ter-se iniciado, de novo, a procura do volfrâmio, pelo que, em alguns sítios, se faz sentir a falta de trabalhadores.

No dia 30 de Março passou o 26.º aniversário da travessia aérea do Atlântico Sul, pelos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Murça prestou justa homenagem a um dos seus filhos, o sr. Américo Constantino Breia, industrial no Brasil, que deu à sua terra a igreja paroquial, a corporação dos bombeiros, um hospital e uma cantina escolar.

Vai ser construído o novo liceu de Aveiro, na Quinta das Agradas, o que causou, ao ser conhecida a notícia, grande contentamento naquela cidade.

O grande herói nacional, Nuno Álvares Pereira, foi glorificado por suas virtudes, vai, finalmente, ser devidamente consagrado em Lisboa sendo lançada brevemente a primeira pedra da igreja da nova freguesia do Santo Condestável, e erigida uma estátua numa das modernas praças da capital. Castelo Branco também se prepara para levantar um monumento a tão ilustre filho da Beira-Baixa.

A bênção da frota baicalhoeira, no dia 18, reveste-se este ano de grande luzimento por ser naquele momento que se benze também a imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem que os portugueses da Nova Inglaterra mandaram esculpir em Portugal e o «Gil Eanes» vai conduzir à América do Norte, levando também a bordo o sr. Bispo de Helenópolis que vai visitar aqueles nossos compatriotas nos Estados Unidos.

Passou por Lisboa, a caminho do Vaticano, Myron Taylor, representante pessoal de Truman junto do Papa.

Foi aplicado o castigo de suspensão por tempo indeterminado ao chefe de brigada da Fiscalização em Vila Real (Trás-os-Montes) por procedimento arbitrário.

Vai ser inaugurado no Alto da Serafina, por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, um balneário de 3 pavimentos com 24 cabanas de 2.ª classe e outras tantas de 1.ª.

Em Coimbra, no lindo local do Calhate, encontra-se quase concluído o novo edifício do Liceu Feminino Infanta D. Maria.

As classes trabalhadoras de Coimbra vão prestar homenagem, no dia 8 de Maio, ao sr. Ministro da Economia.

Inaugurou-se, em Belém, a nova estação automática telefónica, com capacidade para 1.800 assinantes e muito brevemente para três mil.

Em Paço de Arcos, um particular — o sr. Joaquim Matias — construiu uma escola dentro dos modernos moldes pedagógicos e entregou-a ao Estado.

A nova escola tem o nome do filho do benemerito e fica assim designada: Jardim-Escola Dionísio dos Santos Matias.

Foram concedidas algumas quantias a várias câmaras municipais, para abastecimento de águas.

O Sr. Ministro da Marinha visitou o vapor «Limas», que foi beneficiado com grandes melhoramentos.

O porto de Lourenço Marques vai ser prolongado mais trezentos metros e melhorado com novos quaiões e outros elementos de aperfeiçoamento. Esta obra levará trinta meses e está orçada em 44 mil contos.

Começaram já, em Bragança, os trabalhos de construção do Palácio da

Justiça, na Avenida João da Cruz. As obras do hospital regional e da cadeia vão iniciar-se brevemente.

Está pronto, em Santarém, no sítio denominado Monte do Cravo, o primeiro bairro de Casas Económicas, a inaugurar em Maio.

O sr. Ministro da Economia nomeou uma Comissão para estudar a possibilidade de instalar em Portugal a metalurgia do ferro.

Esteve no Barreiro o Ministro das Obras Públicas, a estudar vários planos de melhoramentos que ali vão executar-se.

DO ESTRANGEIRO

Truman declarou que a actual situação é igual àquela em que os Estados Unidos se encontravam em 1941.

Eisenhower e Vandenberg não querem ser candidatos à presidência da República.

A América do Norte apresentou ao Conselho de Segurança uma moção a pedir tréguas imediatas na Palestina.

O Presidente dos Estados Unidos pediu ao Congresso mais três bilhões de dólares para a defesa americana — o que perfaz já 14 bilhões. 11 dos quais pedidos no orçamento geral.

O auxílio americano à Europa está orçado pela Câmara dos Representantes, em 6.098 milhões de dólares, compreendendo um suplemento para a Grécia, Turquia e China e Fundo Internacional da Infância.

Em Londres morreram envelhecidas três crianças (de 11, 8 e 1 ano) por engano da mãe, que misturou arsénico no caldo de flocos de aveia, no pequeno almoço.

As eleições em Itália realizam-se no dia 18 deste mês de Abril. Mais de trezentos mil homens assegurarão a ordem.

O pacto sino-soviético é tarefa difícil, visto que todos os partidos políticos, com excepção dos democratas populares da extrema esquerda, opõem-se energicamente a tomar quaisquer compromissos que possam violar a Constituição ou significar perda parcial da soberania do país.

As Associações Hebraicas da Bélgica demonstraram a sua gratidão ao Cardeal Van Rosy pelo auxílio do clero belga aos judeus durante as perseguições nazis.

O general Clay, governador militar americano na Alemanha, declarou que: «se o comunismo penetrar na Alemanha Ocidental e se conseguir estabelecer-se ao longo do Reno, tornar-se-á então quase impossível deter a sua propagação através de toda a Europa».

A Conferência das 16 Nações volta a reunir-se no dia 12, tendo continuado reunido em Paris o grupo de trabalhos desde a última sessão plenária.

Reuniu-se em Bogotá a Conferência Pan-Americana, que espera a criação de um organismo cuja missão pode ser decisiva para a manutenção do paz.

O Ministro da Jugoslávia em Roma disse que o seu Governo não se opunha à devolução de Trieste à Itália.

Dois cidadãos americanos pediram ao Governo que os considerasse

INSTITUTO PORTUGUÊS DE COMÉRCIO

DIRECTOR: PROF. MÁRIO DO CARMO PERES

CURSOS PRÁTICOS DE GUARDA-LIVROS

DACTILOGRAFOS

CORRESPONDENTES AMBOS OS SEXOS

RECA CONDIÇÕES DE MATRÍCULA AO

INSTITUTO PORTUGUÊS DE COMÉRCIO

40, RUA ANTERO DE QUENTAL, 42 LISBOA

proprietários da lua... e o Governo respondeu-lhes que teriam de fornecer uma descrição «de visu» do planeta satélite da Terra...

A América do Norte vai fazer entrega, nos próximos meses, de aviões à Turquia.

A Espanha foi incluída no plano de auxílio à Europa pela Câmara dos Representantes dos Estados Unidos... mas a Comissão de «leaders» da Câmara e do Senado rejeitou a cláusula.

Vandenberg, apoiado por Truman e por Marshall, travou forte luta contra a inclusão do governo de Franco. Vandenberg afirmou que: «qualquer decisão a respeito da Espanha constitui função e prerrogativa das 16 nações participantes».

Truman assinou o projecto de Lei de auxílio à Áustria, França e Itália, num total de 55 milhões de dólares.

A Noruega, disse o embaixador norueguês na América, está disposta a repudiar qualquer proposta russa para uma aliança defensiva.

O Presidente dos Estados Unidos pediu ao Congresso mais três bilhões de dólares para a defesa americana — o que perfaz já 14 bilhões. 11 dos quais pedidos no orçamento geral.

O auxílio americano à Europa está orçado pela Câmara dos Representantes, em 6.098 milhões de dólares, compreendendo um suplemento para a Grécia, Turquia e China e Fundo Internacional da Infância.

As eleições em Itália realizam-se no dia 18 deste mês de Abril. Mais de trezentos mil homens assegurarão a ordem.

O pacto sino-soviético é tarefa difícil, visto que todos os partidos políticos, com excepção dos democratas populares da extrema esquerda, opõem-se energicamente a tomar quaisquer compromissos que possam violar a Constituição ou significar perda parcial da soberania do país.

As Associações Hebraicas da Bélgica demonstraram a sua gratidão ao Cardeal Van Rosy pelo auxílio do clero belga aos judeus durante as perseguições nazis.

O general Clay, governador militar americano na Alemanha, declarou que: «se o comunismo penetrar na Alemanha Ocidental e se conseguir estabelecer-se ao longo do Reno, tornar-se-á então quase impossível deter a sua propagação através de toda a Europa».

A Conferência das 16 Nações volta a reunir-se no dia 12, tendo continuado reunido em Paris o grupo de trabalhos desde a última sessão plenária.

Reuniu-se em Bogotá a Conferência Pan-Americana, que espera a criação de um organismo cuja missão pode ser decisiva para a manutenção do paz.

O Ministro da Jugoslávia em Roma disse que o seu Governo não se opunha à devolução de Trieste à Itália.

Dois cidadãos americanos pediram ao Governo que os considerasse

«Em primeiro lugar, a finalidade e objectivo dum desporto deve ser, cristãmente entendido, o de cultivar a dignidade humana e a harmonia do corpo, desenvolvendo nele a saúde, a agilidade, o vigor e a elegância».

«O mundo melhor só pode ser construído, se os homens se comprometerem da grandeza do ideal de servir e tornarem a sua vida uma constante dádiva de si próprios à comunidade humana.»

«Começamos hoje, neste cantinho, ao lado da pena ilustre de A. Valente, uma secção de orientação Camplista; será camplismo em pilulas, ligeiras conversas, no firme propósito de evitar os lugares comuns que aconselham a prática da vida ao ar livre como antídoto a todos os males que nos afligem o espírito e o corpo...»

«A prática deste desporto, que é um agregado de muitos desportos — arte de viver ao Ar Livre tendo como abrigo uma barraca — constitui um meio de educação física e cívica, de cooperação, nunca um fim em si mesma. Não esqueceremos só para praticantes, antes nos dirigimos àquelas que do Camplismo têm um vago conhecimento, aos que desconhecem as suas regras, a disciplina que inspira e exige e, sobre-

Esta palavra Saudade, Aquela que a inventou, Por ser palavra tão doce — Ia a chorar... não chorou

Alfonso Lopes Vieira



COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

CADA VEZ É MAIOR O ENTUSIASMO PELAS COMPETIÇÕES OFICIAIS

Realmente, a primeira derrota sofrida pelo Belenenses contra equipas da provincia surpreendeu toda a gente — por todas as razões e, principalmente, por os «cazuis» nos terem habituado a vê-los regressar a Lisboa sempre vitoriosos. O que é certo, porém, é que para a «variação de jogar em casa» e para o entusiasmo dos algarvios não foi bastante a superior classe dos pupilos de Scopell...

O Sporting mais uma vez escapou à derrota por um triz... É que, nesta altura, podemos afoitamente atribuir aos «leões» o segredo da salvação nos derradeiros instantes dos prelhos — tão «derradeiros», aliás, que agora contra os ohanenses o golo da vitória foi alcançado no 93.º minuto de jogo!!!

Os bracarenenses voltaram a «descer» ao penúltimo lugar muito embora tenham realizado exibição de óptimo futebol no encontro da Tapadinha contra o Atlético. Este, contudo, teve em Correia uma «garantia», e em Vital uma «certeza» que muito contribuíram para o 4-3 conseguido — que o fixou, isolado, no sexto posto da tabela.

Os estorilistas lograram, finalmente, quebrar a «mala-pata» que os manteve sem triunfo nos últimos quatro desafios anteriores, derrotando agora os azadredados do Boavista que não corresponderam à expectativa... como vencedores que tinham sido, oito dias antes, do categorizado Sporting Clube de Portugal!

Inesperado foi o «score» do encontro disputado no Campo da Amoreira, em Guimarães. Esperava-se, de facto, um triunfo da turma vimarense — mas o 7-1 imposto aos elvenses ultrapassou as mais optimistas previsões, convencendo-nos, mais uma

vez, que os alentejanos acusam demasiadamente a falta do «seu público»... e do seu ambiente.

Em Setúbal, a histórica Académica de Coimbra deve ter recebido o «golpe mortal» nas suas aspirações — ao passo que os rapazes do Vitória iniciaram, e muito bem, o galope final que se tornava indispensável para fugirem da zona perigosa.

Para amanhã, avultam, em importância de jogo e em interesse pelos resultados, as partidas entre bracarenenses e leões (a efectuar em Braga), e entre belenenses e atléticos (nas Salésias).

Boavista-Elvas, Ohanense-Estoril e Benfica no Campo Grande contra o Lusitano gozarão de relativo «interesse» e descanso — bem merecido, aliás, após o arrastado esforço do «heróico» desafio da Constituição!!!

Na II Divisão, as «coisas» andam muito reñidas e complicadas — excepto para o União de Coimbra, na zona Norte, e para o Desportivo de Beja, na zona Sul, que já estão praticamente eliminados (aquele só com uma vitória em 5 jogos, e este com tantas derrotas quanto os desafios feitos).

Absolutamente garantido para passar à Poule Final — apenas se encontra o Sporting da Covilhã, mercê da fachada cometida no domingo contra o Leixões — em Matosinhos. Famação e Leixões decidem o seu destino amanhã, mas em desafios diferentes. Se o Sporting da Covilhã ganhar ao Famação, e o Leixões vencer o União de Coimbra — ficam apurados os rapazes de Matosinhos. Mas se os famalicenseis não perderem o jogo a disputar no seu campo, acompanharão os covilhanenses na Poule Final.

Na zona Sul, as maiores probabilidades inclinam-se para os dois clubes do Barreiro. A Cuf é apurada certa — e, se amanhã derrotar os portimonenses, oferecerá à turma correntânea a classificação desejada. Em nosso juízo, o Portimonense deve encontrar sérias dificuldades para vencer no Barreiro.

E assim, pelo que expomos, arriscamos o critério de que os clubes a entrar na Poule Final serão: Covilhã, Famação, Cufe e Barreirense!

«...Mas daí... pode ser que não sejam...»

Houve «surpresas» nos quartos de final da III Divisão, em especial no que respeita à classificação do Sporting de Fafe e do Desportivo da Cova da Piedade.

Os espinhenses, que haviam empatado em Fafe, mantinham, na verdade, esperanças fundamentadas no desafio do passado domingo. A gloriosa icereteza do Desporto, todavia, deu um ar da sua graça — e os safenses vieram conquistar no campo do adversário o triunfo apetecido.

Quanto ao Desportivo da Cova da Piedade, julgamos que bastará referir que transformaram um 0-4 desanimador num 9-1 mais que reconfortante.

O Académico de Viseu não teve dificuldade em manter a vantagem adquirida no Estádio do Fontelo...

Por fim, farenenses e portalegrenses ao empatarem pela segunda vez — vieram-se obrigados a disputar terceira partida decisiva.

Conforme já dissemos, os quatro apurados neste jogos, além de continuarem na «disculsão» do Título Máximo, ganharam o direito de disputar a entrada na II Divisão — num só encontro a efectuar em campo neutro!

(Continua na 6.ª página)

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Por JOSÉ ILHARCO

Princípiou o «Nacional» de Basquetebol

Começou sábado passado a disputar-se o Campeonato Nacional de Basquetebol. Dos três clubes lisboetas concorrentes à prova, apenas o Benfica conseguiu ganhar. Tendo por adversário o Fluvial do Porto e jogando em Lisboa no campo do Ateneu, os jogadores «encarnados», não obstante que se tornava indispensável para fugirem da zona perigosa.

Para amanhã, avultam, em importância de jogo e em interesse pelos resultados, as partidas entre bracarenenses e leões (a efectuar em Braga), e entre belenenses e atléticos (nas Salésias).

Boavista-Elvas, Ohanense-Estoril e Benfica no Campo Grande contra o Lusitano gozarão de relativo «interesse» e descanso — bem merecido, aliás, após o arrastado esforço do «heróico» desafio da Constituição!!!

O pugilismo movimentou-se

Isto no pugilismo é assim mesmo — e não sabemos explicar porque. Ou se passa largo tempo sem uma única organização — ou chovem os combates.

Com a presença entre nós dos pugilistas Da Silva, Monteiro e Brito, da Empresa Paris-Lisboa e o recrudescimento de actividade da Empresa do Estádio Mayer, temos agora um período intenso de organizações.

Particularmente, como competição desportiva, o box profissional não nos interessa por aí além. Mas, tão grande é a «rafiação» lisboeta pela chamada «moure-artes», que temos de ir ao seu encontro, registando os acontecimentos principais a ela ligados...

Beni Levy e Júlio Neves (outra esperança do nosso pugilismo profissional), ganharam segunda-feira os combates que travaram, respectivamente, com os espanhóis Macarron e Alharan.

Bons propósitos na natação

Com grande brilho, efectuou-se, também no último sábado, a distribuição de prémios aos vencedores de provas organizadas pela Associação de Natação de Lisboa.

Ao acto assistiram personalidades em relevo na modalidade e no meio desportivo, tendo-se feito afirmações de alto interesse para o progresso da Natação.

Quer-nos realmente parecer que a salutar modalidade vai conhecer épocas de profícua actividade.

Oxalá assim seja.

Entretanto, o Sport Algés e Dafundo inaugurou a época de verão com o seu tradicional... «Torneio da Primavera». O mais forte baluarte da modalidade continua na vanguarda.

O ciclismo também promete...

Depois da prova inicial do Campeonato de Independentes, na qual, como dissemos, houve dois vencedores:

No torneio preliminar da Taça de Portugal, verificaram-se os resultados seguintes:

No Grupo A

Vianense-Sanjoanense	2-0 (0-1)
Oliveirense-Vila Real	0-3 (5-1)
Académico-Flaviense	7-1 (3-2)
Salgueiros-Leça adiado.

No Grupo B

Naval-S. L. Viseu	1-2 (4-3)
Leões Santar-Ferrovários	1-1 (6-0)
Mariálvas-S. L. C. Branco	1-0 (2-3)
G. Alcabça-S. L. Guarda	5-1 (0-1)

No Grupo C

Aroios-Luso Barreiro 5-1 (3-1)
11 Unidos-Rosende 2-1 (0-0)
Futebol Benfica-Operário	3-2 (1-0)
Oriental-Cassa Pia 4-2 (3-3)

Tiveram os oquistas portugueses, Campeões da Europa e do Mundo, a sua chegada a Lisboa, a mais imponente recepção que até hoje tem sido prestada a desportistas lusitanos.

Desde o Aeroporto da Parfela até ao Ministério da Educação Nacional, o povo de Lisboa não se cansou de vitórias os bravos vencedores de Montreux.

No Campo de Santana, um mar de gente aplaudiu com verdadeiro frenesi os campeões do Mundo, que pela boca do sr. Subsecretário da Educação escutaram as palavras agradecidas dos governantes do País.

Em Paço de Arcos, na mesma noite, Emídio Pinto, Jesus Correia e Correia dos Santos, nados e criados na vila, foram recebidos em delírio por uma multidão entusiasmada até ao rubro.

Pela semana fora, os oquistas portugueses continuaram alvo de homenagens e das mais expressivas distinções.

Tudo isto eles souberam merecer. Foram e são — bons desportistas e bons portugueses!

(Continua na 6.ª página)

a voz dos nossos camaradas

Escreve-nos José dos Santos Beza, da Rua de D. Manuel II, Porto a seguinte carta:

Sua Ex.ª o Subsecretário das Corporações publicou um despacho de salários mínimos autorizando que o pão distribuído a domicílio fosse acrescido de uma pequena percentagem que reverteria em favor das laboriosas vendedoras distribuidoras do pão. Este despacho que o sr. Subsecretário em boa hora publicou em benefício destas pobres e honradas trabalhadoras, não se cumpre, porém. Cobra-se, com efeito, a dita percentagem, mas ela reverte em benefício dos industriais! É um caso que, como muitos outros, não faz sentido. O «Jornal de Notícias» já tem debatido o caso, por mais de uma vez, mas nem o sindicato nem ninguém parece ter agido para remediar esta anomalia.

Reforçamos então a intervenção já feita pelo «Jornal de Notícias», e esperamos que a desordem acabe quanto antes.

De Santo Tirso, escreve-nos o sr. Amaro da Cunha a seguinte impressionante reclamação:

Sou chefe de família, com 5 filhos. Para ganhar o pão para eles, instalei uma oficina de tecelagem com 3 teares. Infelizmente, porém, não conseguimos trabalhar as 8 horas, porque as Fiação não nos fornecem a nós, pequenos, o fio necessário, porque os grandes industriais absorvem-no todo. Vemos com tristeza que umas fábricas trabalham com turnos noturnos e outras com horas extraordinárias, enquanto que nós, pequenos, nem sequer temos fio para trabalhar as 8 horas.

Pedimos, por isso, que no seu jornal que tanto defende os pequenos, peça ao Senhor Subsecretário da Economia e ao Senhor Subsecretário das Corporações que olhem por nós, os pequenos. Ao primeiro, para que nos seja dado um contingente de fio como era antes; ao segundo, que proíba os turnos de noite e as horas extraordinárias, já que não há fio.

O apelo aí fica. Não sabemos se o remédio de proibir as horas extraordinárias é de aceitar. Agora o de ser fornecido fio suficiente a estas indústrias pequenas é um caso que merece toda a atenção.

Do espírito de justiça do Sr. Ministro da Economia esperamos ver atendido este apelo dos pequenos.

Mais esta que se publica para no fim comentar:

«Trabalhei ao serviço da Firma António Moreira & C.ª, da Rotunda do Castelo do Queijo — Porto, desde 5 de Novembro de 1945, até ao dia 6 de Maio de 1946, nas obras do Bairro das Sete Fontes, na cidade de Coimbra, sem receber o abono de Família a que tinha direito para 3 filhos que tenho a meu cargo. Como antes de ir trabalhar para Coimbra estava a receber abono de Família pela Caixa Regional do Porto, onde sou objectivo nº 219, escrevi para uma pessoa da minha confiança para que esta se informasse naquela Caixa de qual o motivo porque não recebia, sendo então verificado que aquela Firma tinha declarado que eu trabalhava fora do Distrito; ao ter conhecimento disso, escrevi à Caixa Regional de Coimbra, pedindo para que me informasse se tinha Abonos a receber por lá e se aquela Firma tinha pago por mim, recebendo por resposta que nem a Firma tinha pago nem o meu nome lá existia, não tendo portanto direito a Abonos por aquela Caixa.

Escrevi aos patrões para pedir explicações sobre o caso e mandaram-me passar por lá, dizendo-me que o assunto seria resolvido em breve. Abandonei a Firma e voltei a escrever, passado muito tempo, tendo recebido a informação de que o meu caso estava em Tribunal, em Coimbra, e que só quando fosse decidido receberia. Voltei então a escrever-lhe a pedir o dinheiro, e não mais recebi resposta, apesar de ter escrito com aviso de recepção. Escrevi finalmente a Sua Ex.ª o Senhor Subsecretário de Estado das Cor-

porações e Previdência Social, pedindo a Sua Ex.ª se dignasse mandar proceder de maneira a que eu recebesse aquilo a que tenho direito, expondo tudo quanto atrás ficou dito, e até hoje nada sei a tal respeito.

Venho agora por este meio rogar a V. se digne informar-me a quem devo recorrer, e se terei ou não direito a 150\$000 por mês que deixei de receber de abonos de Família referentes a trabalhos prestados naqueles prazos e àquelas Firmas. Terêi direito a estes Abonos? Será fácil recebê-los? Espero que V. se dignará perdoar-me este atrevimento e me dará as informações pedidas por intermédio do conceituado Jornal «O Trabalhador».

a) Carlos Albano de Sá Pereira

Lugar de Gulphilharinos — Freguesia de Gulphilhares — Correiço de Valadares — V. N. de Gaia.

Uma das condições para se receber o abono de família é requerê-lo à Caixa para que se desconta. Bem vê que as Caixas recebem as folhas de férias com os respectivos descontos, mas delas não consta quem são aqueles que têm direito a receber o abono. Se o não requerer — e tudo leva a crer que o não fez — nada tem a reclamar senão contra si mesmo. A Caixa poderia ter recebido a sua contribuição, mas como quer que ela adivinha que tem direito a abono e a quanto tem direito?

As coisas ter-se-iam passado doutra maneira se tivesse feito a declaração de ter mudado de distrito, e, portanto, de Caixa.

Se o caso está no Tribunal, quem o levou para lá? O patrão? A Caixa? Não acreditamos.

O melhor é esclarecer bem estas coisas, e só depois é que podemos dizer-lhe o que tem a fazer. Mas o essencial é ter as coisas em ordem.

Estamos a ver que teremos necessidade de esclarecer muita coisa, e dar instruções, de informar melhor o que os operários têm a fazer para se livrarem destas magadas, destas arelhas e destes prejuízos.

A MÃO DE OBRA E OS PROCESSOS DE RECRUTAMENTO DE TRABALHADORES

Nos países europeus devastados pela guerra, as necessidades de reconstrução, reapetrechamento industrial e reabilitação económica produziram, de modo geral, uma crise de mão-de-obra. Perante esta crise agiram os diversos governos de acordo com as exigências económicas e conforme as considerações éticas e sociológicas que lhes são peculiares.

A Hungria mantém um duplo regime de prestação de trabalho. Tanto um como outro dizem respeito a todos os homens dos 18 aos 60 anos e todas as mulheres dos 18 aos 50.

O primeiro, que corresponde a um imposto, consiste na obrigatoriedade da prestação de quatro dias de trabalho por mês, para a reconstrução, ou no pagamento duma soma igual ao salário individual durante estes quatro dias. O segundo consiste na mobilização forçada para trabalhos considerados de interesse público, quer na área da residência quer longe do domicílio habitual em qualquer parte do país e por tempo determinado ou indeterminado.

Na Polónia e na Checoslováquia a mão-de-obra é obrigatória dos 18 aos 55 anos para os homens e dos 18 aos 45 para as mulheres.

Noutros países e nos atrás citados nos casos em que não se aplica a mobilização, os esforços concentram-se de modo especial na reorganização do chamado «Serviço de Emprego».

Onde funcionam agências particulares de colocações ou onde existem serviços de emprego oficiais especializados para certas profissões, julga-se necessária a acção do «Serviço de Emprego» para coordenar e vigiar a actividade dessas agências e serviços ou mais estreitamente possível.

A necessidade desta coordenação foi compreendida e posta em prática em quase todos os países da Europa, nomeadamente na Bélgica, França, Hungria, Noruega, Holanda, Polónia, Checoslováquia e Iugoslávia.

Em alguns estados, porém, para se certificarem do sucesso da política de mão-de-obra e talvez um pouco por virtude da geral tendência socializante, as agências de colocações foram suprimidas ou, em outros casos, mais rigorosamente fiscalizadas.

Na maior parte dos casos a legislação determina que todos os desempregados deverão inscrever-se nos «Serviços de Emprego» e todas as vagas deverão ser comunicadas aos mesmos «serviços». As empresas que procedem a recrutamentos directos, são obrigadas a comunicá-los. Foram melhorados os métodos de difusão de informações de modo a permitir mais rápida e mais fácil compensação entre as ofertas e procura de emprego.

Frequentemente os patrões são obrigados a dirigir-se em primeiro lugar ao «Serviço de Emprego» quando querem contratar trabalhadores e não podem proceder a recrutamento sem autorização especial.

Por outro lado, como um dos mais interessantes aspectos de todo este conjunto de medidas, em certas indústrias e ramos profissionais de países como a França e a Bulgária e em dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

Por isso foram os monopólios sempre condenados pela opinião pública, como imorais. São eles, de facto, um dos cancores da economia capitalista, sobretudo porque o monopólio se pode realizar por coligação de produtores, E esse é muito vulgar.

BOLETIM MUNDIAL «MEMÓRIAS»

Já na outra guerra sofremos a mesma epidemia de «Memórias». Cada protagonista de certa importância do drama de 1914-1918, ou com o pensamento de deixar agarrada a sua actividade a uma certa notoriedade, ou com a ideia de auxiliar os historiadores a buscarem o verdadeiro fio histórico dos acontecimentos, entendeu por bem escrever o que fez e o que em sua volta girou, assim como a interpretação dos factos. Escreveram-se, nessa época, verdadeiros volumes e dos mais interessantes. Nesta guerra repetiu-se a mesma invasão!

Churchill vem à cabeça dos escritos de Memórias. Mas também LaVal, Clano, e muitas figuras de primeiro plano da grande tragédia que a Europa atravessou durante cinco longos anos, quiseram que o seu testemunho vivo de participantes directos nos acontecimentos se ficasse guardado para a História. Muitos desses documentos preenchem lacunas da verdadeira história da guerra e são do mais alto interesse para quem estuda.

Estamos agora em face de alguma coisa de romanesco. As «Memórias» de um dos mais altos expoentes da ideia e da propaganda nazi, talvez mesmo aquele cujo maquiavelismo levou mais alto o sentido e o efeito de uma propaganda sem limites e sem penas, acabam de aparecer. Trata-se das «Memórias» do dr. Goebbels!

Como apareceram elas? Eis o romanesco que em boa época de crises de «sensação» não há dúvida que ganha a palma.

O dr. Goebbels que em nosso modo de entender não carecia de escrever Memórias para deixar agarrado o seu nome e o seu processo à História da Alemanha nazi dos nossos dias — alemão, para tanto, como juízo a compilação dos seus inflammas, fantasiosos e alucinados discursos ao microfone da Rádio-Berlim — contados acontecimentos e próprios desavalentados acontecimentos, quase sempre no polo oposto da sua ferilíssima imaginação — o dr. Goebbels, como iam a dizer terá tido o cuidado de guardar as suas «Memórias» — em cofre.

Quando da chegada dos soldados russos à capital alemã, onde acabam de provocar um verdadeiro pânico com os seus processos de audácia, mas que travaram a tempo, estes deram com o cofre, esvaziaram-no do precioso conteúdo, e despacharam-no para Moscovo, certos de que mandavam peça de engenho complicado e alto valor histórico. Mais tarde, jornalistas americanos, hábeis pesquisadores de sensacionalismo, teriam dado com páginas soltas e teriam encarregado pacientes e laboriosos analistas paleográficos, de juntar e numerar as folhas soltas, que agora se publicaram em diário!

A vida hitleriana de 1942-1943, com todo aquele insuflar odioso de inspiração do mesmo dr. Goebbels que pugnavam tanta eliminação da raça judaica, como da Igreja Católica, vem ali traçada a golpes de nervosismo e de inquietação, a traduzirem os impetus paranóicos do seu autor.

As invectivas chovem como uma torrente impetuosa e Churchill é o seu verdadeiro cabeça de turco. Era assim que Goebbels o definia: «Este homem é um verdadeiro odre, cheio de mentiras e factâncias».

Por este exemplo se pode avaliar aquilo mesmo que não chega a ser revelação para ninguém, se é que as memórias se não apagaram de todo neste curto espaço de tempo de depois da guerra, e recordam e relembram o frenesi diabólico das suas palavras e das suas maquinações através o eter durante tanto tempo e com tão desusada e incansável resistência!

Se alguma vez as «Memórias» são o homem, cremos que será desta feita e com esta amostra.

Em todo o caso antes certos homens não fizessem «Memórias» para não deixarem triste «memória» de si.

UMA QUESTÃO CAPITAL

O problema rural (III)

O aumento da população e as condições insuficientíssimas de grande parte das moradias do trabalhador rural impõem, como logicamente se pode concluir do que dissemos no nosso último artigo, a construção de bairros rurais nas nossas aldeias. Esta medida, a ser encarada a sério, o que nos parece deveria ser feito sem mais tardança, traria largos benefícios para a sociedade de hoje, pois não só daria ao camponês condições vitais largamente humanas, como contribuiria também, em larga escala, para se pôr um dique ao exodo crescente da gente do campo para as cidades e meios essencialmente industriais ou comerciais. Não que, com esta nossa asserção, pretendamos defender, pura e simplesmente, o mais idílico que realista regresso à terra, por alguns preconizado. Não. Isso é um problema algo diverso e não de todo indiscutível. O que se nos afigura, e nos parece realidade incontrovertível, é que este exodo, que hora a hora se verifica, — exodo em muitos casos feito inteiramente à toa, — tem sido causa de algum abalo para os mais básicos fundamentos sociais e morais da comunidade lusitana. E com um dique posto lógica e razoavelmente, sempre que isso não significasse um atentado contra as mais fundas, sinceras e legítimas aspirações do trabalhador, ao referido exodo, todos teríamos a lutar o trabalhador em si mesmo e o resto da comunidade de que faz parte, como membro inseparável.

Ora, como vínhamos dizendo, a criação de bairros rurais seria, além de uma melhoria de condições de vida,

meio de obstar a esse risco. Claro que a construção de tais bairros tem de obedecer a estudos previamente feitos com o maior cuidado, porque da boa ou má solução para o caso, advirá o proveito desejado, ou então, o que seria de lamentar, uma desgraça não menor do que a existente. Assim — e diga-se já de passagem — a construção de moradias económicas, embora de linhas correctas, elegantes, e com condições de total asseio, mas restringidas v. g. a quatro divisões, incluindo a cozinha, parece-nos, além de insuficiente, propicia a contrariar, na sua essência, alguns dos princípios mais lógicos da nossa Constituição e da ética que a informa. Há que atender, em especial neste caso a que as classes trabalhadoras do campo, são, até hoje, as menos atingidas pelas teorias neo-malthusianas da concepção e suas similares. Ora se verdadeiramente desejamos mantê-las intactas, nesta hora em que o mal já tenta permear-las, é preciso dar às famílias rurais, não só alojamento limpo, mas igualmente amplo. De contrário, as consequências sabe-se quais são. Não é preciso enumerá-las.

Como, emus, as linhas gerais a que devem obedecer tais bairros? Sinteticamente, eis algumas:

«Eu estou convencido de que, se hoje os homens tiverem fome, já não é por culpa da natureza, mas por culpa do homem, por culpa dos dirigentes, por nossa culpa, por nossa culpa.»

«O homem tornou-se mais forte. Portanto, mais responsável. E o mundo tornou-se mais pequeno. Hoje é tal maneira estreito, que já se não compreende que grupos sociais, comunidades, vivam ao lado umas das outras, isoladas umas das outras. O que, em todo o caso, é certo é que a noção que fazíamos do grupo social, do grupo nacional, de comunidade que podia viver apoiada sobre si mesma, esta noção está em plena transformação. Quanto mais depressa o reconhecermos, melhor será para todos.»

«Acreditai no bem, para o realizardes.»

Um meio de obstar a esse risco. Claro que a construção de tais bairros tem de obedecer a estudos previamente feitos com o maior cuidado, porque da boa ou má solução para o caso, advirá o proveito desejado, ou então, o que seria de lamentar, uma desgraça não menor do que a existente. Assim — e diga-se já de passagem — a construção de moradias económicas, embora de linhas correctas, elegantes, e com condições de total asseio, mas restringidas v. g. a quatro divisões, incluindo a cozinha, parece-nos, além de insuficiente, propicia a contrariar, na sua essência, alguns dos princípios mais lógicos da nossa Constituição e da ética que a informa. Há que atender, em especial neste caso a que as classes trabalhadoras do campo, são, até hoje, as menos atingidas pelas teorias neo-malthusianas da concepção e suas similares. Ora se verdadeiramente desejamos mantê-las intactas, nesta hora em que o mal já tenta permear-las, é preciso dar às famílias rurais, não só alojamento limpo, mas igualmente amplo. De contrário, as consequências sabe-se quais são. Não é preciso enumerá-las.

Como, emus, as linhas gerais a que devem obedecer tais bairros? Sinteticamente, eis algumas:

«O estudo atento das estatísticas referentes a sinistrados era alarmante e assim houve necessidade imperiosa, de, em primeiro lugar, buscar sustar a sua marcha progressiva, cuja percentagem era já grande, e em segundo lugar buscar, dentro do possível, fazer uma restauração, o mais perfeita possível, dos atingidos por acidentes no trabalho, de modo a restituír-lhes uma capacidade, não diminuída ou adulterada, para o seu trabalho especializado.»

A primeira parte do problema, que como todos sabem, constitui a profilaxia dos acidentes do trabalho, foi entregue a engenheiros, médicos e administradores em última análise, e tem sido resolvida duma forma brilhante, encontrando-se meios de defesa que vão de simples modificações de horários (por causa das temperaturas, distribuições de luz, estado higrométrico da atmosfera, etc., etc.), à escolha de material adequado para a defesa das partes vulneráveis: vista (intensidade luminosa); traqueia e pulmões (aspiração de poeiras, gases); estômago (absorção de gases e vapores que se dissolvem nos sucos salivares e gástrico, depositando-se finalmente no estômago); pele (variações térmicas e higrométricas), etc., etc.

A segunda parte foi entregue a médicos especialistas, que constituem uma família por bem dizer dependentes uns dos outros, e dependentes todos duma organização central, dos quais, os ortopedistas constituem, sem dúvida, o eixo mestre.

Noutro passo do seu estudo refece o dr. Morbey Affonso à aplicação aos operários, de métodos de

tratamento modernos colhidos em experiência de feridos de guerra e, a seguir, acrescenta:

«Uma das causas que fazem baixar extraordinariamente o número de dias de incapacidade, é o tratamento precoce e bem dirigido para cada caso. Isto só se consegue em postos chamados dispensários, montados em fábricas, ou muito próximos delas. Todos os tratamentos são coroados de êxito, sendo tanto mais simples e seguros quanto mais precoces.»

Para a restauração das partes mutiladas, ou deformadas, são necessárias organizações especialíssimas, e com uma técnica séria, absolutamente apropriada, fruto de estudo de há muitos anos, e duma experiência que infelizmente nos trouxe o tratamento em série dos sinistrados, não do trabalho, mas do último conflito.

Prossigindo, afirma:

«A prótese moderna, quer na América (Prof. Wilson), quer em Inglaterra (Prof. Watson Jones), quer em Itália (todas as disciplinas de Victorio Putti), espalhados por vários centros de especialização, quer em Espanha

ras Clínicas del Trabajo, quer em Paris nos Hospitais de Reabilitação, para não citar mais, tem obtido verdadeiros milagres, dos quais vamos tendo notícia, entregando aos sinistrados o prazer de viver, quando estavam já condenados a acabar os seus dias, sentados quando muito numa cadeira.»

Em conclusão:

1 — O tratamento moderno, bem dirigido e organizado devidamente, faz baixar enormemente o número de desvalorizados e quando impossível a cura completa, reduz a percentagem de desvalorização dum modo não conhecido até há pouco, o que diminui extraordinariamente os encargos dos responsáveis pelos seguros pessoais.

2 — A economia de dias perdidos por operários especializados, para o equilíbrio económico de grandes organizações fabris, e pode ser obtida com uma acertada organização da medicina do trabalho.

3 — A organização de centros de reabilitação são de muito grande valor económico e social, e para isso nós possuímos privilégios muito especiais, como o clima, etc.»

«Um direito só basta para se arrancarem as ervas más que um destino de séculos fez crescer.»

UMA VEZ POR OUTRA A POUCOS DIAS DE VISTA

Pio XII, da histórica janela da Basílica de S. Pedro, numa advertência solene atirou ao mundo uma profecia, no intuito, bem evidente, de conjurar e conjugar esforços, não para uma barragem política, naquele sentido baixo e corriqueiro do termo, mas para uma «arregimentar de boas vontades», que queiram fazer prevalecer os princípios de uma civilização que deu ao «Homem» o melhor de si próprio: a liberdade de Homem!

Disse Pio XII: «Roma, a Itália, o mundo inteiro estão na encruzilhada dos caminhos entre Cristo e o anti-Cristo».

Chegou a hora, na verdade, de não haver, nem meio termo, nem paliativos, nem mãos estendidas.

A Itália, no próximo dia 18, marca para si e para o Mundo uma data

AS TABERNAS...

Um operário, de Braga, escreve-nos uma carta em que nos informa:

«Depois de um aturado trabalho de inquérito a que me consagrei por esta cidade dos Arcebispos, verifiquei que a grande maioria dos operários faz vida de taberna.»

E não só operários, até homens de certa posição, mas como estes têm dinheiro para gastar, o que mais me interessa são os primeiros, que dispõem em vinho grande parte do sustento da família. Muitos destes, que assim passam à taberna o seu salário, têm os filhos a mendigar pão (a melhor pasta para os dentes).

«E, depois, que linguagem desavergonhada a que se ouve por esta cidade! Conheço o país de norte a sul, e posso dizer que em nenhuma outra terra se fala tão mal como em Braga!»

«Não poderiam as autoridades tomar algumas medidas tendentes a reprimir estes más hábitos?»

«Peço que chame, em «O Trabalhador» a atenção de quem pode olhar por estas coisas.»

Continuaremos a publicar os testemunhos que nos mandarem os nossos leitores sobre um dos maiores cancores da classe operária: a taberna.

Mas não basta dizer mal. É preciso estudar e apontar os remédios.

Venham os alvitreiros.

Uma noite só basta para se arrancarem as ervas más que um destino de séculos fez crescer.

V. M. Peter Wust

X. X. X.

APRENDAMOS ECONOMIA

Por ABEL VARZIM

COMPRADOR E VENDEADOR ÚNICOS

O preço no mercado livre tende a fixar-se segundo as «leis» que anteriormente expusemos. Mas se um dos concorrentes falar, se por exemplo, faltar a concórdia dos compradores, que vai acontecer?

Nesta hipótese, teremos um comprador único em face de vários vendedores em concorrência.

O comprador único impõe o preço, que vai fixar o mais baixo nível possível. No entanto, não poderá fixá-lo abaixo do custo de produção, porque, neste caso, os produtores deixariam de produzir. Terá de fixar um preço que deixe uma certa margem de lucro ao produtor. Se os custos de produção forem diferentes, o comprador único tem a vantagem de neste caso, o preço com um único comprador e o preço de um mercado livre tendem a equiparar-se: à roda do custo da produção.

O mesmo já se não dá no monopólio (um só vendedor). O produtor ou vendedor único é senhor dos preços e fixa-os à sua vontade, elevando-os até ao nível que lhe dá maiores lucros. Este nível não é, porém, eliminado, porque à medida que o preço sobe, a procura vai diminuindo, e pode acontecer que um lucro grande em poucas unidades, não compense tanto como um menor lucro em muitas unidades vendidas.

Um exemplo. Suponhamos uma mercadoria com um custo certo de produção, qualquer que seja a quantidade produzida:

Como se vê, o preço de 3\$00 é aquele em que o monopolista mais venderá, mas não aquele em que mais ganhará. O preço de 4\$00 coincidiria com a maior receita bruta, mas ainda não com o maior lucro líquido. O preço de 5\$00 por unidade, dará igual receita bruta à da venda do produto ao menor preço; mas permitirá o lucro máximo. Se subir o preço para 6\$00, a venda decréta tanto que a receita bruta e a líquida serão menores. O monopolista escolherá portanto o preço

Custo de produção	Preço da unidade	Total unidades vendidas	Receita bruta	Lucro
2\$00	3\$00	80	240\$00	80\$00
2\$00	4\$00	64	256\$00	128\$00
2\$00	5\$00	48	240\$00	144\$00
2\$00	6\$00	32	192\$00	128\$00

de 3\$00 que coincide com o seu maior lucro.

«O TRABALHADOR» É VENDIDO EM:

- Alenquer, por D. Cecília Granada
- Amadora, por Joaquim Catarino
- Azambuja, por António Fernando
- Barreiro, na Tabacaria Internacional
- Brço de Prata, por José J. Capucho
- Cacém, por Alfredo da Cruz
- Caçilhas, por Domingos Ferreira Matoso
- Carcavelos, por Carlos Augusto de Oliveira
- Carregado, por A. Violante
- Carregal do Sal, por António J. Fernandes, Filho
- Cascais, por Duarte & Messias
- Castejo Branco, por José Vidal Sestay
- Costoção, por António Martins Araújo

O MUNDO JÁ NÃO É O MESMO

O senhor Paul Van Zeeland, que foi Presidente do Conselho da Bélgica durante a Guerra e desempenhou um importantíssimo papel em favor do seu país durante os duros anos da ocupação, foi nomeado para arbitrar o conflito entre a Indonésia e a Holanda. Correu, por isso, o mundo inteiro. Ao regressar à Bélgica, escreveu alguma coisa que vale a pena ler-se.

«Por toda a parte, — diz ele — encontro os mesmos problemas, as mesmas necessidades, a mesma ansiedade.»

«Porquê? Foi a Humanidade que mudou? Não, duas vezes não! A Humanidade, no fundo dela mesma, não muda. Os homens não são hoje menos bons do que eram há séculos. E eu conservo inteira a minha confiança na nossa civilização. E digo já porque.»

«Ter na vida um ideal, é definir nela o problema da felicidade, e por isso demarcar o caminho que a ela nos deve conduzir.»

«Acreditai no bem, para o realizardes.»

«Não há nada mudado nos homens, mas há qualquer coisa de mudado fundamentalmente no mundo. E pela primeira vez na História das civilizações humanas, nós temos sobre os nossos ombros toda a responsabilidade do nosso destino.»

«Porquê? Porque, até hoje, existiam as forças da natureza que eram mais poderosas do que a vontade e a inteligência dos homens. Hoje nós já do-

minamos a maior parte destas forças. Dominamo-las, graças à ciência.»

«Eu estou convencido de que, se hoje os homens tiverem fome, já não é por culpa da natureza, mas por culpa do homem, por culpa dos dirigentes, por nossa culpa, por nossa culpa.»

«O homem tornou-se mais forte. Portanto, mais responsável. E o mundo tornou-se mais pequeno. Hoje é tal maneira estreito, que já se não compreende que grupos sociais, comunidades, vivam ao lado umas das outras, isoladas umas das outras. O que, em todo o caso, é certo é que a noção que fazíamos do grupo social, do grupo nacional, de comunidade que podia viver apoiada sobre si mesma, esta noção está em plena transformação. Quanto mais depressa o reconhecermos, melhor será para todos.»

Acreditai no bem, para o realizardes.

O nosso segundo concurso está a despertar o maior interesse entre os 'trovadores'...

Respostas ao n.º 10

Lábaro é estandarte — Do latim Labarum.

Quando da 10.ª perseguição aos cristãos por Diocleciano e Maximiano...

Constantino Magno foi o 1.º imperador romano que conseguiu a paz abraçando o cristianismo...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma...

Responda se sabe

...[e se não souber, leia um dos próximos números]

- 1) Que quer dizer Alergia? 2) Quando se fala num 'cano-luz'...

A REPRESSÃO DA AGIOTAGEM

De vez em quando a imprensa refere-se ao problema da agiotagem trazendo à flor da publicidade os abusos que comete...

Como, porém, água mole, em pedra dura, tanto cai, até que fura, também nós não podemos alhear-nos desse problema latente a cuja solução urge meter ombros.

Deixem-nos gritar bem alto que se impõe a revisão, a sério, deste problema, começando-se por um estudo das disposições legais que regulam a actividade das casas de penhores...

Deixem-nos gritar bem alto que se impõe a revisão, a sério, deste problema, começando-se por um estudo das disposições legais que regulam a actividade das casas de penhores...

Deixem-nos gritar bem alto que se impõe a revisão, a sério, deste problema, começando-se por um estudo das disposições legais que regulam a actividade das casas de penhores...

Deixem-nos gritar bem alto que se impõe a revisão, a sério, deste problema, começando-se por um estudo das disposições legais que regulam a actividade das casas de penhores...

Deixem-nos gritar bem alto que se impõe a revisão, a sério, deste problema, começando-se por um estudo das disposições legais que regulam a actividade das casas de penhores...

Deixem-nos gritar bem alto que se impõe a revisão, a sério, deste problema, começando-se por um estudo das disposições legais que regulam a actividade das casas de penhores...

Deixem-nos gritar bem alto que se impõe a revisão, a sério, deste problema, começando-se por um estudo das disposições legais que regulam a actividade das casas de penhores...

Deixem-nos gritar bem alto que se impõe a revisão, a sério, deste problema, começando-se por um estudo das disposições legais que regulam a actividade das casas de penhores...

RIBATUA

a palavra começou a tomar o sentido que hoje tem de usurpador arbitrário.

Com a palavra herói, dá-se o mesmo fenómeno. Nos poemas homéricos um herói era o que, por exemplo, na Idade Média era um cavaleiro...

Os valores dos quatro primeiros é incontestável; mas as opiniões divergem quanto à inclusão de Milton entre os quatro melhores épicos.

As cantigas de amor e composições poéticas feitas à maneira provençal, expõem quase sempre as tristezas, os cuidados e inquietudes de um amor viado.

Mtemptocose, Saiu grialhada esta palavra. É a crença muito divulgada ainda entre os povos orientais...

Constantino Magno foi o 1.º imperador romano que conseguiu a paz abraçando o cristianismo...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

Conta-se que quando Constantino sitiava Maxencio em Roma, lhe apareceu, no ar, ao meio dia, uma cruz luminosa com esta inscrição: «In hoc signo vinces»...

CAMPISMO

(Continuação da 3.ª página)

maduros — como nos julgam aqueles que nos vêm atravessar a cidade de saco às costas...

Temos um fim. Sabemos o que queremos. Não vemos a Cultura Física e especialmente o Campismo pelas ideias falsas e conceitos errados que o acanhado critério de muitos cidadãos nos querem impor.

Passamos indiferentes; seguimos conscientes. Não queremos perder-nos nem deixarmos perder-se os nossos filhos no lodacão de vícios, cupidiz e misérias da vida.

Em todos os verdadeiros campistas maços o desreído trazido por alguns péssimos praticantes a um desperdo que se deve impor, tanto no campo do panegírico...

Em todos os verdadeiros campistas maços o desreído trazido por alguns péssimos praticantes a um desperdo que se deve impor, tanto no campo do panegírico...

Coisas do futebol

(Continuação da 3.ª página)

No Grupo D Reguengos-Campomaior... 7-1 (1-4) F. C. Serpa-Atlético Moura 1-0 (1-2) Sporting (Lisboa)-Barcelonense 1-2 (1-2) Montemor-Boa Esperança 4-1 (1-5)

No Campeonato Nacional de Júniores, o Ferroviários do Entroncamento e o Covilhense «passaram» à ronda seguinte sem jogarem...

Um ano de preguiça estranha mais o corpo que cinco de trabalho. Os hábitos são a principal fôrca de aranha, depois correntes de ferro.

Na vida é preciso que os bens se amem, os maus se temam, todos se estimem.

A maledicência é como a bola de neve: enghossa à medida que se expande.

As crianças dizem o que fazem, os velhos o que fizeram e os tolos o que vão fazer.

O presente é um instante que, mal deixa de ser futuro, passa imediatamente a passado.

Como os leitores vêem — o futebol está em plena actividade nesta altura da temporada.

O que é pena é que, apesar disto tudo, os progressos técnicos sejam nulos... ou quase nulos!

Mas isso — é outro assunto, de que falaremos mais tarde, quando abordarmos a «febre» actual destes desafios oficiais...

ALBERTO VALENTE (Wintermante)

Estes conselhos verá que não terá dificuldade em ser feliz.

Se quer sorrir... O morador duma casa que não primava pelo asseio, pôs à entrada da porta, este letreiro: «Pede-se o favor de limparem os pés».

Um humorista acrescentou: «Quando anirem».

Dez conselhos para ser feliz 1. Viva uma existência razoável; descanse e alimente-se duma maneira racional e humana.

2. Procure um objectivo na vida; mas que esse objectivo não seja egoísta.

3. Não dê aos factos mais importância do que eles realmente têm; não se deixe abater pelos contratempos.



REALIDADES VIVAS

A senhora Maria ia pensando, enquanto batia a roupa no tanque. Ela pensando na filha, está clara. Era tudo, tão finita, tão arosal! Quince anos muito frescos e já parecia uma mulherzinha!

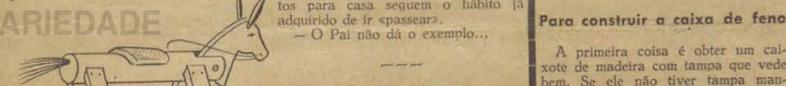
Porque será assim a minha Rosalina? — pensava a boa mulher, desolada.

Afinal ninguém lhe fazia mais vontades... todas as vontades! ninguém se sacrificava mais por ela...

Maria Teresa Seras

Mais uma desgraça...

Os filhos do operário andarem tantas vezes «ao Deus dar» pelas ruas a vadear, a saltar, aos electricos, a aprender quantos vícios encontram...



A Mãe não tem tempo para os vigiar — sai de manhã para o trabalho, volta à tarde e tem a lida da casa...

Para começar, Paizinho, construa-me um cavalo de pau, como o que está na gravura. Se mo faz até me há-de apeteer ficar no pátio a trepar e a cavalgar.

Não é preciso o cavalhinho ser bonito, basta que seja toco mas sólido.

MULHERES O QUE DEVEM SER E... O QUE NÃO DEVEM PARECER

As mulheres devem ser como o sol porque dá vida; e não se devem parecer com o sol, porque ele tem as suas manchas que distraem com muita luz.

2 - Devem ser como a lua, que é a companheira inseparável da terra, e não devem parecer-se com a lua, porque ela tem muitas fases...

3 - Devem ser como os balões que são belos e sobem ao céu; mas não devem parecer-se com os balões, porque não se lhes pode dar direcção...

4 - Devem ser como as abelhas obreiras porque devem guardar bem todos os segredos; mas não devem parecer-se com as abelhas, porque andam na lingua de todos...

5 - Devem parecer-se com o vidro que não encobre nada do que tem dentro; mas não devem ser como o vidro porque ele é muito frágil.

6 - Devem parecer-se com os espelhos porque dizem sempre a verdade;

7 - Devem parecer-se com a areia porque esta é muito fina; mas não devem ser como a areia, porque não pode servir de base a edificios duradouros.

8 - Devem parecer-se com o vinho, porque tem geralmente muito espirito; mas não devem ser como o vinho, porque transtorna facilmente o juizo.

9 - Devem cultivar a leitura porque recreia a intelligencia e o coração; mas não devem cultivar a leitura, porque em geral só escolhem futilidades.

10 - Devem ler este artigo porque lhes dá bons conselhos mas não devem ler este artigo, porque vão pôr o autor mais espalmdo que uma herá.

CUIDADOS DOMÉSTICOS

Nódoas de fruta na roupa Nódoas frescas: enfia-se o botado de tecido imediatamente em água a ferver. A nódoa quase sempre desaparece de todo.

Nódoas já secas: Em tecidos brancos de linho ou algodão: passa-se a nódoa com água em que se deitou um pouco de água oxigenada, lavando depois com água pura.

Nódoas de fruta nas mãos Não se devem lavar com sabão neste caso, pois o sabão fixa a cor deixada pela fruta.

Aproveite arroz partido Pudim de arroz moído. — (Para 4 pessoas) 2 dl. e meio de leite; 50 gr. (3 colheres) de arroz; 1 colher de açúcar; um bocadinho de canela em pó; 1 ovo, se se desejar; um bocadinho de casca de limão (medidas aproximadas).

Mistura-se o arroz moído com um pouco de leite. Ferve-se o resto do leite com a casca de limão e deita-se por cima do arroz. Junta-se o açúcar e volta-se a deitar na panela. Ferve-se e deixa-se sobre lume brando até o arroz engrossar, mexendo sempre com uma colher de pau (durante 5 minutos).

Bate-se um bocadinho o ovo e junta-se à mistura depois de tirada do lume. Deita-se numa forma de pudim, polvilha-se com canela e mete-se no forno durante uns 15 minutos.

CAIXA DE FENO

Para construir a caixa de feno. A primeira coisa é obter um caixote de madeira com tampo que vede bem. Se ele não tiver tampa mande-se a fazer e fixar com dobradiças.

Para terminar faz-se, da mesma flanela, uma almofada de palha com uns 10 cm. de alto com a qual se acaba de encher o caixote. É preciso

quanto o cozido ou o refogado se fez na caixa de feno não se gasta carvão nem lenha, não se tem o trabalho de o vigiar e pode-se ir fazer compras ou ir para o emprego.

Enquanto o cozido ou o refogado se fez na caixa de feno não se gasta carvão nem lenha, não se tem o trabalho de o vigiar e pode-se ir fazer compras ou ir para o emprego.

Transcrevemos em seguida uma tabela que ensina os tempos necessários para cozinhar vários alimentos tirada de um livro especializado sobre o assunto:

COMO SE EMPREGA a caixa de palha: Primeiro deve fazer-se o ensaio com água quente. Tira-se do

Table with 3 columns: Item, Minutos ao lume, Horas na caixa. Includes items like Couves, Cenouras, Couve-flor, Frutas secas, Macarrão, Flocos de aveia, Ervilhas verdes, Batatas novas, Batatas velhas, Arroz, Tapioca, Nabos, Peixe, Carneiro, Galinha, Coelho, Vitela, Vaca.

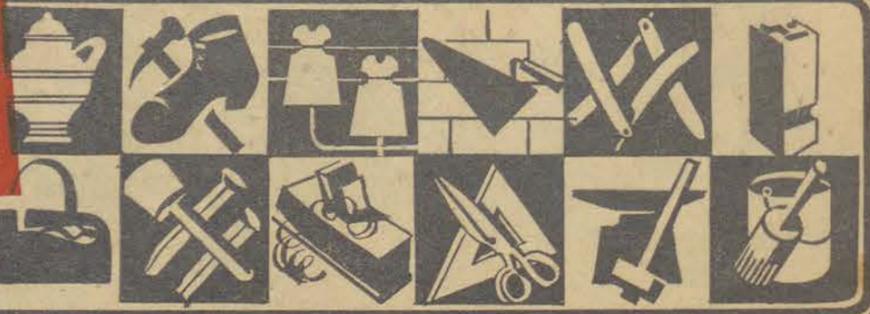
lume uma panela de água a ferver em cachifo e coloca-se no ninho; ferver-se a caixa e daí a uma hora vai-se ver se a água arrefeceu ou se conserva uma temperatura alta. Se a água arrefece é porque a caixa de feno não foi bem fabricada e não veda bem o calor.

Queremos fazer uma panela de carne. Prepara-se tudo como habitualmente põe-se ao lume e faz-se ferver até escumar. Põem-se os legumes e deixa-se ferver durante meia hora

para si estes tempos. Cozinhando com caixa de feno há que ter cuidado de comer frutas frescas, legumes crus, como tomate, alface, etc., pois este processo de cozinhar destrói as vitaminas contidas no alimento. É preciso que a grande economia que a caixa de feno traz não seja prejudicada, por um descuido de suprir esta falta que pode trazer graves consequências.

TRABALHADOR

NO MUNDO DO TRABALHO



ALEGRIA NO TRABALHO

Comunidades profissionais

De todos os filmes que temos visto, «A vida de Edison» foi, sem dúvida nenhuma o que mais nos agradou, pois encerra uma lição de alto valor social e de flagrante e permanente oportunidade.

Dois cenários capitais perduram na nossa retina pela beleza que encerram, beleza, principalmente, moral e que servem de espelho onde se deviam rever muitas empresas para as quais o operário não representa mais que um valor puramente material. No momento culminante do filme, surge um «aprendiz» que parte uma lâmpada sobre a qual convergiam não apenas as atenções dos operários de Edison, como todos os esforços do grande inventor da lâmpada de incandescência.

A lâmpada partiu-se quando o «aprendiz» subia uma escada. Edison, em vez de manifestar a sua contrariedade, ordenou que fosse feita nova lâmpada e encarregou o desastroso rapaz de conduzi-la para a experiência definitiva.

Outra cena: No dia seguinte ao do encerramento das oficinas, por falta de meios, Edison vê, com espanto, que os operários retomavam o trabalho, sem se preocuparem com os vencimentos.

Quantas empresas se poderiam orgulhar de que encerrando um dia as portas, por não poderem pagar aos seus operários, estes retomassem, por mera dedicação, o trabalho, no dia seguinte?

Só uma empresa ideal como a de Edison é que tal podia acontecer. Os operários trabalhavam como em família. Regozijavam-nos os êxitos do patrão; contristavam-nos as suas de-

silusões, os seus reveses. Quando este se viu na necessidade de fechar a porta, quase lhes pediu desculpa de os despedir.

Quem viu esse filme deve, por certo, ter reparado no ambiente de alegria, um ambiente verdadeiramente familiar, que reinava nas oficinas.

Alegria no trabalho

Queremos viver com alegria! É um grito que condensa um programa de vida e que todos, tanto patrões como operários deviam procurar realizar.

Você gosta do seu trabalho? Esta pergunta têm-la feito diversas vezes nas mais variadas circunstâncias, sendo raras as respostas positivas, e mesmo essas dadas com um significativo encolher de ombros que equivale a uma restrição. Podia aplicar-se a este caso a velha frase: Ninguém está contente com a sua sorte.

Para muitos o trabalho é um fardo. Suporta-se porque não pode deixar de ser.

Com esta disposição de ânimo o trabalho custa o dobro. Por que não havemos de encarar o trabalho pelo seu aspecto risonho, pelo que ele tem, não de monótono ou enfadonho, mas de sugestivo e até mesmo divertido?

Devemos tentar descobrir o que existe de belo e de grande no simples manuseio dum escopro, no pregar dum rebite, no encaixar duma travessa.

O problema do rendimento do trabalho é o mais importante a resolver, quer socialmente quer economicamente. E esse rendimento não depende apenas dos capitais que se investem numa

empresa, como não depende só da maquinaria por mais aperfeiçoada que ela seja. Depende essencialmente do homem.

Deixar criar à volta do homem que trabalha um ambiente que o deprime, que o inferiorize física, psicológica e moralmente, é anular as vantagens que dos progressos da técnica possam advir.

No decorrer dos nossos inquéritos junto das várias profissões, inquéritos que prosseguirão como até aqui, temos encontrado em todos os operários o desejo de um entendimento maior com as empresas sem que estas, no entanto, salvo honrosas excepções, se preocupem com isso.

O trabalho alegre não é uma utopia, é uma necessidade dos nossos tempos e necessidade, repetimos, não apenas social mas também económica. A maioria dos conflitos sociais que o Tribunal do Trabalho tem de resolver deixariam de existir se entre operários e patrões não houvesse um parêntese de amonidades e de intransigência a dividi-los.

Em muitas empresas falta o espírito de família a presidir às relações entre dirigentes e dirigidos. Falta a confiança ao operário para expor os seus problemas e até para apresentar as suas reclamações.

A um pedido de aumento de ordenado segue-se, muitas vezes, a ameaça de um despedimento.

Uma discussão com o encarregado pode conduzir a uma perseguição odiosa ou a uma suspensão. Há falta de compreensão mútua.

desta. Tomará assim o sentido das responsabilidades. Elevado à categoria de colaborador, trabalhará com alegria.

Com certeza que as regalias materiais, salários elevados, abonos e outros subsídios, seguros, desempenham um papel importante no espírito do trabalhador, qualquer que ele seja. Contudo o mais importante para ele é a disposição de espírito com que desempenha as suas funções.

O objectivo de todos os renovadores e, especialmente, dos partidários da comunidade profissional é a criação dum clima novo, tanto na fábrica como na oficina, como no escritório, que permita o despertar das faculdades superiores do homem.

Qual o «estatuto» dessa comunidade profissional?

Deve ser a profissão e não a empresa a base dessa comunidade, por interessar especialmente uma orientação profissional que corresponda aos interesses solidários duma indústria inteira. Estabelecer-se-ia uma espécie de conselhos da profissão em que patrões e empregados estivessem igualmente representados e cuja missão seria examinar em comum tudo o que pudesse interessar a um ofício ou a uma indústria, estudar as possibilidades de colocação dos produtos, o rendimento e o desenvolvimento da indústria; em suma: mil e um problemas que surgem e cuja solução tantas vezes se arrasta com prejuízo de patrões e operários.

O homem de hoje é, em muitos casos, um forçado do trabalho. Além

das horas que trabalha para justificar o seu vencimento-base, tem de trabalhar umas quantas horas mais noutros trabalhos para completar o que lhe falta.

Daí resulta que a aplicação ao trabalho não pode ser perfeita, mas condicionada pelo esforço físico ou intelectual que outras ocupações requerem e condicionada ainda pelas preocupações que obscurecem a atenção do trabalhador.

Conhecemos um patrão que costuma averiguar, particularmente, quais as aspirações dos seus operários. Se o operário as formula ao patrão assumem o carácter de reivindicação; se este se antecipa concedendo voluntariamente o que mais tarde teria de fazer involuntariamente, fica com um direito à gratidão do operário.

O verdadeiro dirigente não deve esperar que os operários apresentem novas reivindicações; deve antes preparar um plano de colaboração para melhor entendimento e para eliminar conflitos.

As reivindicações operárias podem assumir e têm assumido, muitas vezes, carácter de violência, de imposição. Preveni-las será a melhor política social e isso depende em muito dos patrões. Repudiá-las é um perigo; esclarecê-las, quando exageradas, ou infundadas, é o que especialmente interessa.

É essa a função, em parte, das comunidades profissionais, organizadas numa base paritária com igual representação das empresas e dos operários.

No dia em que se tiver conseguido esse entendimento, ter-se-á dado um grande passo na solução da questão social.

QUE ESPERAIS DE NÓS?

GRANDE INQUÉRITO AOS NOSSOS LEITORES

Um jornal não se faz dum feito sem auscultar o sentir e os anseios dos seus leitores. Todos haveis de ter dito mal de «O Trabalhador». Vem pobre, traz pouca colaboração, não interessa; ou então: vem maçudo, fala barato, desconhece os problemas...

Estes e outros reparos que têm chegado até nós, fizeram-nos pensar na necessidade deste inquérito.

Queremos a colaboração de todos vós, porque o jornal é de todos, não é de meia dúzia.

Se tiverdes receio de dizer abertamente a vossa opinião, podeis assinar com pseudónimo.

Nós queremos a crítica. Nós não nos magoamos com a crítica. Nós queremos sempre melhor. Só vós podeis realizar a perfeição do jornal, criticando-o *implacavelmente*.

Como anunciámos no número passado, sorteamos prémios entre todos os que nos responderem. Um aparelho de telefonia... e o mais que se verá...

Estai atentos. No próximo número diremos o que falta.

Vede o próximo número!

Há necessidade de rever as relações entre operários e patrões para que se encurte a distância que entre uns e outros medeia.

Para o levantamento da classe operária as regalias materiais são sempre apreciadas e indispensáveis; mas não são tudo.

Estamos plenamente convencidos de que o operário irá ao extremo de contentar-se com um salário inferior desde que trabalhe num ambiente moral que salve a sua dignidade e seja realmente verdadeiro que a empresa não lhe pode pagar mais.

Comunidade profissional

Uma das soluções que seria possível apresentar para este problema das relações entre operários e patrões seria a da comunidade profissional. A expressão não é nossa mas inteiramente a perfilhamos certos de que representando embora uma transformação radical da nossa estrutura económica, não é contudo uma medida de carácter revolucionário.

Não é nova esta ideia de fazer participar, em determinadas condições, o operário nos lucros da empresa. Entre nós, mesmo, os exemplos são mais vulgares do que à primeira vista parece. Caso curioso: a iniciativa de pequenos comerciantes para os quais é ponto de honra dar sociedade a um empregado antigo, que se salientou pelo zelo e dedicação no desempenho das suas obrigações. Alguns dos dirigentes sindicais com quem tomámos contacto, falaram-nos dessa aspiração como dum sonho ou duma utopia.

Mas, em que consiste essa comunidade profissional?

Um «inquiridor», como nós, das condições de trabalho na Suíça, escreve a esse propósito:

«Fazer participar o trabalhador nos rendimentos da empresa é dar-lhe direito de observar a administração

GRUPO DESPORTIVO DO HOTEL «TIVOLI»

Um artigo que nos foi enviado de Coimbra, por A. Carvalho, para a nossa secção «Tribuna operária», e que publicamos no outro lugar, trata a



questão do entendimento e colaboração entre trabalhadores e patrões.

É sem dúvida importantíssimo este assunto, pois que, uma vez que há diversidade de classes e diversidade de interesses, estas classes diferentes colaboram procurando harmonizar os respectivos interesses, ou, na outra alternativa, aparece o desentendimen-

to e a luta. E «O Trabalhador» não é nem foi nunca pela luta no ódio, mas pelo entendimento na justiça.

Não nos escapa, por tal motivo, nenhuma ocasião que se ofereça para evidenciar o nosso ponto de vista. Assim, sempre que uma manifestação de princípios idênticos aos nossos surja em qualquer facto, aproveitaremos este e dar-lhe-emos o relevo merecido.

É por isso que, ontem a confraternização do pessoal e da direcção da Empresa «Olmes», hoje a comemoração do aniversário do Grupo Desportivo do Hotel «Tivoli», mereceram a nossa atenção.

Este acontecimento ocorreu em 18 de Março último.

A pequena festa, de que fez parte um «Porto de Honra», compareceram, juntamente com todo o pessoal, os proprietários do Hotel. Saudaram-se mutuamente e beberam à saúde de todos.

Um dos proprietários ofereceu 1.000 escudos para o Grupo e prometeu proporcionar-lhe nova sede.

Discursando, o mesmo proprietário, «agradeceu» o convite que lhe foi feito e congratulou-se pelo espírito de união que verificou existir entre o seu pessoal que, disse, considerava sua segunda família.

Podem existir divergências de critério entre patrão e empregado. Porém quando não exista ódio que os separe, é fácil chegarem a acordo.

Os patrões que se fazem estimar pelos trabalhadores contribuem para o bem-estar e para a paz social.